

## A COMÉDIA HUMANA NO BRASIL

### HISTÓRIA DE UMA EDIÇÃO

---

PAULO RÔNAI

---

Está ficando uma velha história, esta da edição brasileira da **Comédia Humana** de Balzac pela Editora Globo, que tive a honra de dirigir (de 1946 a 1955). Duas vezes já tive ocasião de referir-me a ela por escrito<sup>1</sup>. Ainda assim, talvez não seja inoportuno voltar ao assunto numa publicação especialmente dedicada às relações culturais entre a França e o Brasil, por se tratar de uma iniciativa brasileira tendente a transportar para o Novo Mundo um dos monumentos mais impressionantes das letras francesas e integralmente realizada de acordo com os planos. Os dezessete volumes da coleção ocupam espaço considerável nas estantes das nossas bibliotecas depois de terem alimentado o espírito e inflamado a imaginação de milhares de leitores. "Considero esse empreendimento editorial um dos mais importantes do Brasil em todos os tempos", escreveu a respeito deles Érico Veríssimo<sup>2</sup>. E Eugênio Gomes, outro conhecedor dos livros, que chegaria a dirigir a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foi mais longe: "Não creio que Balzac tenha encontrado em qualquer parte, fora da França, moldura mais proporcionada a sua grandeza."

Pois esse monumento editorial é desconhecido das novas gerações. As proporções da obra tornaram inviável uma reedição

completa. É raro, hoje em dia, um dos volumes vir à tona em algum sebo. São outras tantas razões para evocarmos aqui as características de um trabalho que, depois de entusiasmar a editora, o organizador e os tradutores, teve, ao longo dos anos, aceitação igualmente lisonjeira da crítica e do público.

A história começa em 1943. Fugido da Europa onde sofrera perseguições do nazismo, estava eu no Brasil havia dois anos quando o acaso alojou no mesmo hotel do Rio Maurício Rosenblatt, representante da porto-alegrense Editora Globo na então capital do país. Não tardamos a travar relações. A corajosa editora gaúcha, dirigida por Henrique Bertaso encontrava-se em franca ascensão e o seu emissário contou-me seus planos, o mais arrojado dos quais era uma edição integral da **Comédia Humana**. Sem dúvida, já existiam traduções brasileiras ou portuguesas — umas boas, outras más — de muitos romances e novelas daquele vasto conjunto, mas a Globo pretendia mandar retraduzir o todo pelo seu corpo de profissionais competentes. Como, devido à guerra, não chegavam ao Brasil as novidades do mercado europeu, resolveu ocupá-los na transplantação dos clássicos do romance, especialmente de Balzac, o maior de todos. As traduções de vários romances dele já estavam em andamento.

Escutava esse plano com o interesse não só de um professor de francês, mas também de um estudioso de Balzac. Já em 1930, depois de pesquisas feitas na biblioteca do Institut de France, em Chantilly, tinha defendido tese sobre **As Obras da Mocidade de Honoré de Balzac** e desde então não cessara de ler e reler os volumes do romancista. Meu conhecimento da vida e da civilização francesa resultava, em grande parte, dessas leituras: daí poder avaliar o enriquecimento intelectual dos leitores brasileiros, tão afastados, no tempo e no espaço, da Paris da primeira metade do século XIX.

Como editor nato, Rosenblatt percebeu logo o partido que se poderia tirar da presença ocasional de um balzaquista no Brasil e perguntou-me, **ad referendum** à Editora, se não tinha vontade de escrever um prefácio para a **Comédia Humana** de língua portuguesa. Concordei de bom grado, mas com a condição de dar uma olhada às primeiras traduções, logo que estivessem terminadas.

Essa precaução não se revelou desnecessária. Não que as versões realizadas pelos tradutores gaúchos fossem de má qualidade. Pelo contrário, eram de um nível geral excelente. Todos eles — Casemiro Fernandes, Vidal de Oliveira, Ernesto Pelanda, Mário Quintana, Mário D. Ferreira Santos, Dorval Serrano — faziam parte de uma geração de literatos de formação francesa e se movimentavam à vontade no universo balzaquiano. Apenas tinham iniciado o trabalho sem diretrizes. Acontecia assim que a mesma personagem de vários romances da **Comédia** surgia ora com nome francês, ora com nome português. A mesma rua de Paris tinha denominações diferentes. Havia divergências cruciais na ortografia (estávamos, como ainda estamos, num período de instabilidade ortográfica). Os tradutores utilizavam os originais encontrados ao acaso em Porto Alegre. Ora, os balzaquistas sabem que o romancista não parava de reescrever os seus livros, mudando-lhes freqüentemente até os títulos; sabem que depois da morte dele a sua viúva mandara completar vários de seus fragmentos por um subliterato e que esses complementos às vezes eram mais extensos que a parte deixada pelo escritor. Seria preciso utilizar originais lançados depois que apareceu a moda das edições críticas. A falta de instruções iniciais expunha a edição a incongruências. Impunha-se uma uniformização. De mais a mais era impossível que num trabalho daquele tamanho não se infiltrassem, não obstante toda a competência dos tradutores, alguns lapsos. Por tudo isso, propus um cotejo minucioso dos textos portugueses com originais fidedignos.

Meus argumentos convenceram a Editora e o cotejo foi consentido. Mas, à medida que progredia na leitura, dei-me conta de que o nosso leitor precisava de auxílio para entender os milhares de alusões a acontecimentos e personagens contemporâneos do escritor, cujo intuito confessado era ser um "historiador dos costumes" e "fazer concorrência ao Registro Civil". Aumentava a dificuldade outra inovação do escritor, a de misturar personagens reais a suas criaturas imaginárias, o que devia agradar à bisbilhotice dos parisienses da época, mas podia criar confusão na cabeça de nossos cariocas e paulistas. Em vista disso, a necessidade de notas de pé de página foi também admitida.

Mas nesse ínterim percebera que a complexidade estrutural da **Comédia**, as inúmeras imbricações e conexões entre seus romances e contos arriscavam passar despercebidos ao leitor apressado de nossos dias, se não fosse advertido, e que a infinidade de estudos consagrados a Balzac desde sua morte, assim como as partes publicadas de sua enorme correspondência, podiam contribuir para uma compreensão melhor de sua ficção; sugeri, pois, a anteposição de uma introdução a cada uma das 89 partes do ciclo. Essa sugestão foi também acolhida. E assim, depois de longos conciliábulos, nasceu em 3 de março de 1944 a carta-contrato em que a Editora definia as atribuições do organizador.

"... de acordo com sua própria sugestão, cada uma das obras compreendidas na **Comédie Humaine** (conforme a edição da Bibliothéque Pléiade, em dez volumes, feitos sob a direção de Marcel Bouteyron) deverá ser precedida de uma nota que terá em mira os seguintes objetivos:

1. "colocar" a obra dentro da **Comédie Humaine**;
2. separar os elementos da ficção e os da realidade;
3. assinalar os acontecimentos autobiográficos;
4. seguir o destino, quando possível, de cada obra, indicando suas influências e importância;
5. esclarecer as alusões históricas, topográficas, etc. que possam dificultar a compreensão;
6. fixar a cronologia dupla das obras: quando foram escritas e a que época se referem.

Mediante o acordo que aqui confirmamos, V.Sa. encarregar-se-á de redigir as notas em apreço, as quais, embora isentas de pretensões filológicas e de pormenores que só interessariam a especialistas, estarão sempre de acordo com o estado actual das pesquisas balzaquianas e serão escritas em estilo acessível a fim de constituir uma iniciação instrutiva e agradável à obra.

Além das notas, V.Sa., fornecerá uma introdução bio-bibliográfica ao primeiro volume; escolherá, entre o que se escreveu de melhor sobre Balzac, na França e no estrangeiro, um número suficiente de ensaios e artigos para estudos introdutivos aos outros volumes; entregará uma completa documentação iconográfica (retratos, caricaturas, fac-símiles — e, entre estes, dois manuscritos inéditos de Balzac) suficiente para acompanhar cada volume de duas ou mais ilustrações; fará uma rápida supervisão das diferentes traduções, principalmente no que diz respeito à fidelidade das mesmas; auxiliará os tradutores sempre que for necessário; prestará, enfim, todo o auxílio pos-

sível para que a edição da Comédia Humana, em língua portuguesa, seja a melhor, ou pelo menos das melhores que existem, inclusive as da França."

Apesar do que tem de minucioso, esse contrato abrangente não previa todo o trabalho que a editoração ia impor-me; nem eu mesmo era capaz de aquilatá-lo. Assim, por exemplo, incumbir-me-ia a escolha de mais tradutores, porque os profissionais da Globo, sobrecarregados, não iriam dar conta do recado. (Pensávamos, com efeito, que toda a edição estaria na rua em 1950, ano do centenário da morte de Balzac. Só ficou pronta em 1955, e, retrospectivamente, acho que mesmo isso foi um milagre). Assim entrariam a fazer parte da equipe diversos tradutores recrutados no Rio, entre eles alguns nomes de expressão nacional: Carlos Drummond de Andrade, Brito Broca, Valdemar Cavalcanti, Lia Correa Dutra, João Henrique Chaves Lopes, Wilson Lousada, Elza Lima Ribeiro, Joaquim Teixeira Novais. Além disto os ensaios introdutivos de diversos **scholars** de que tratava o contrato (entre eles duas contribuições de meus antigos mestres, Marcel Bouteron e Fernand Baldensperger) exigiriam o recurso a um terceiro grupo de tradutores: Milton Araújo, Nora Q.N. da Cunha, Bernardo Gersen, Berenice Xavier, o próprio Maurício Rosenblatt, e até eu mesmo.

Por proposta minha foi ainda decidido o restabelecimento da divisão em capítulos e dos títulos de capítulo que os editores (mesmo a Pléiade) costumam suprimir por motivos de economia; no meu entender agilizava sensivelmente a leitura. Já com a obra pronta, dei-me conta da necessidade de vários índices especiais: uma "correspondência" entre os títulos franceses e os portugueses, uma relação dos tradutores com a especificação do trabalho de cada um, um índice dos ensaios introdutivos, outro das ilustrações... Com o volume XVII na mão é que me assombrei de repente com o tamanho da tarefa levada a cabo. E pensar que Balzac realizara uma obra-prima daquelas proporções sem um secretário, sem colaboradores, sem fichários, sem sequer ter uma máquina de escrever (que ainda não estava inventada)! Na verdade, mesmo os trabalhos previstos no contrato acabaram por inflar-se além do imaginado: só a introdução bio-bibliográfica tomaria o tamanho de um volume<sup>3</sup> e os 17 volumes totalizariam na-

da menos de doze mil páginas in-8º (de 15 x 23 cm) com o número das notas ultrapassando dez mil. Mas a Editora agüentou galhardamente essa inchação inesperada e produziu um trabalho digno dos maiores elogios.

Da aceitação da obra e de sua influência tive diversas provas, diretas e indiretas. A introdução bio-bibliográfica inspirou ao escritor pernambucano José Carlos Cavalcanti Borges uma comédia extraída da vida de Balzac, levada à cena no Recife. Os volumes lançados ao longo de dez anos mantinham o nome do romancista em evidência e criaram atmosfera favorável à divulgação dos termos **balzaquiana** e **balzaca** para designar uma mulher madura, ainda interessada no amor, e que deram azo à popularização da famosa marchinha carnavalesca **A Balzaquiana**, de Nassara e W. Baptista. Pelo menos três candidatos foram exibirse em programas de televisão para serem sabatinados sobre Balzac. Depois de sua morte, mesmo na França, nunca Balzac esteve tão vivo.

A título de curiosidade assinalemos o êxito surpreendente, no Brasil, de um romance "psicografado" atribuído a Balzac, **Cristo espera por ti**, agora em 6a. edição e de altas tiragens. E talvez me seja permitido incluir entre os subprodutos dessa renascença balzaquiana mais dois livros de minha autoria: **Balzac e a Comédia Humana**. Porto Alegre, Editora Globo, 1947; 2a. edição em 1957; e **Um romance de Balzac: A Pele de Onagro**. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1952, este último defendido em 1957 como tese de concurso para uma das catedras de francês do Colégio Pedro II.

Enquanto a Editora Globo não reeditava a **Comédia Humana**, outras editoras têm pensado em relançá-la, mas acabaram desistindo diante do investimento necessário. Até há pouco a única tentativa de reedição foi a da Editora Artenova em 1976, com características algo diferentes. O conjunto ia ficar dividido em romances e contos separados, em volumes menores; as introduções e as notas mantidas, com as modificações requeridas pela nova apresentação. Dentro dessa fórmula, para a qual dei a minha colaboração, chegaram a sair **Eugênia Grandet** e **A Mulher de Trinta Anos**, depois do que a Artenova encerrou as suas atividades.

## NOTAS

- <sup>1</sup>Ver **L'Année Balzacienne 1978**, Paris, Garnier Frères, p.249: "**Une édition de Balzac aux Tropiques**" e **A Tradução Vivida**, 2a.edição ampliada, Rio de Janeiro, Edição Nova Fronteira, 1981. p.178: "A Operação Balzac".
- <sup>2</sup>Esta citação e a seguinte são extraídas do fascículo **A Comédia Humana** publicado pela Editora Globo em 1950 para comemorar o centenário da morte de Balzac.
- <sup>3</sup>E seria publicado em volume independente sob o título de **A Vida de Balzac**. Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica, 1967.

### NOTA FINAL

Ao encerrar este retrospecto, chega-me uma notícia alvissareira; a nova Editora Globo decidiu ressuscitar a **Comédia Humana** brasileira, 44 anos depois do lançamento da primeira edição. Convidado a dirigir o empreendimento, hei de observar substancialmente as diretrizes adotadas em 1945. Será mantido inalterado o texto das traduções, apenas escoimado dos poucos lapsos e erros tipográficos. Serão porém atualizados e completados, em base dos estudos balzaquianos do último meio século, a **Vida de Balzac**, os estudos introdutórios dos romances e contos e as notas de pé de página. Conserva-se-ão a divisão em capítulos e os respectivos títulos do texto balzaquiano, existentes nas primeiras edições, que facilitam sensivelmente a leitura. Serão suprimidos apenas os ensaios de vária autoria que encabeçavam os vols. II a XVII e as ilustrações. O primeiro volume da nova edição, programado para julho de 1989, e os demais que o seguirem a pequenos intervalos, provarão aos novos leitores brasileiros que o poderoso edifício de Balzac continua desafiando galhardamente a passagem do tempo.

